

Filosofia em metáforas: entre relativismo e dogmatismo

ROSALVO SCHÜTZ*

Resumo:

A filosofia não pode abdicar da verdade, sob o risco de cair no relativismo estéril, mas também não pode pretender afirmar verdades absolutas, sob o risco de aniquilar a própria vitalidade do pensamento, sucumbindo ao dogmatismo. Seria preciso, pois, desenvolver uma concepção de filosofia que, simultaneamente, fosse capaz de estar em busca da verdade, mas que também se permitisse ser constantemente renovada pelo mundo. Defenderemos a tese de que através de algumas metáforas utilizadas ao longo da história da filosofia se torna possível visualizar uma concepção adequada a este fim.

Palavras-chave: Admiração; metáfora; pensamento.

Philosophy in Metaphors: between dogmatism and relativism

Abstract

Philosophy can not abdicate the truth at the risk of falling into sterile relativism, but also can not presume to say absolute truths at the risk of annihilating the very vitality of thought, succumbing to dogmatism. It is, therefore, necessary to develop a conception of philosophy that can be simultaneously able to be in search of truth, and also allows itself to be constantly renewed throughout the world. We defend the thesis that through some metaphors used over the history of philosophy it becomes possible to visualize an appropriate design for this purpose.

Key words: Admiration; metaphor; thought.



* ROSALVO SCHÜTZ é Professor de Filosofia (Graduação e Pós) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista de Produtividade CNPq.

1. O que é essa tal filosofia?

Uma das questões mais fascinantes na filosofia é a busca por sua própria definição. O fato de não termos jamais alcançado uma definição conclusiva a seu respeito, ao contrário do que possa parecer, não é um ponto fraco, pois é neste seu caráter inacabado e não totalmente definível que reside sua vitalidade. Definir o que é filosofia é impossível sem filosofar, portanto, é já uma atividade que exige o engajamento ativo de cada um/a de nós. Uma definição de filosofia conclusiva e que só precisasse ser apreendida, que não exigisse esforço subjetivo, portanto, seria o fim do filosofar e, por isso, da própria filosofia. Como já afirmava Kant (1980, p. 470): “Só é possível aprender a filosofar” e não a filosofia. Nós diríamos que também é impossível entender o que é filosofia sem filosofar.

Onde há vida há inacabamento - e a filosofia é parte da própria vida. É esse parentesco entre ambas (a filosofia é uma das expressões da própria vida e da natureza!) que torna impossível defini-la de antemão. Além disso, filosofar, de certa forma, é sempre uma reação a algo, algo que nos afeta, que inquieta, algo que até então era impensável. Daí, inclusive, a possibilidade de afirmar que a filosofia é o confronto com o mistério, com o enigmático. O fato é que, por ser reação a algo que está no mundo, e estando o mundo em constante transformação/criação, a filosofia também é dinâmica: daí a diversidade de suas temáticas. Também por isso uma filosofia que pretendesse oferecer uma explicação final do mundo estaria baseada em uma falsa premissa: de que o mundo já estaria “pronto”, ou seja, que não mais estaria se autocriando. Disso se pode inferir que tantas quantas forem as indagações que o mundo possa gerar em alguém, tão diversas poderão

ser as temáticas da filosofia e tantas ênfases ela poderá ter: suas temáticas são infinitas!

Os livros e autores da história da filosofia subsidiam e ampliam a capacidade de pensar filosoficamente a realidade, mas não são um fim em si, senão, sim, um meio para fortalecer, ampliar e aprofundar o nosso próprio filosofar. Por isso não basta conhecer um filósofo ou uma teoria para saber o que é filosofia. Inclusive é aconselhável ter cuidado diante de “intelectuais de um autor só”, já que sua concepção pode estar “aprisionada” a um olhar determinado; estudar filosofia procurando receitas prontas pode atrapalhar o próprio filosofar. Isso, por certo, não quer dizer que não possamos ter nossos autores preferidos ou nossas filosofias preferidas. É legítimo que nos identifiquemos mais com as filosofias e com os autores que dialogam diretamente com nossas inquietações e aspirações. Como dizia o filósofo Espinosa (1973): nós nos identificamos mais com quem temos um “feliz encontro” e que aumenta nossa “potência de agir”. E como somos – todos os seres humanos – seres únicos, tanto as questões que nos afetam a cada um ou a cada uma são diferentes, quanto também os “encontros felizes” com autores e com filosofias são diversos. Assim, não parece algo prudente querer que nossos filósofos preferidos sejam os preferidos de outros, pois essa exigência implicaria negar a pluralidade. Além disso, “ficar no mesmo autor/teoria” é algo um tanto quanto entediante, pois tende a nos bloquear para a novidade e a nos fechar para o mundo. Em vez de nos “abrirmos” para o mundo iríamos querer enquadrar o mundo em nossas ideias prévias, como se o pensar tivesse primazia em relação ao ser. O filósofo

alemão Friedrich Schelling (1996, p.72) chegou a afirmar que isso era uma “doença do espírito” e não filosofia.

Diante dessas considerações em torno da filosofia (quantas variáveis!), surge, no entanto, uma questão intrigante: – O que é então a filosofia, se ela não pode ser definida de antemão? Como acima estabelecido, uma definição última é incompatível com o próprio filosofar, mas como, por outro lado, a filosofia também não é “qualquer coisa”, parece que estamos diante de um dilema: teríamos de conceber uma definição de filosofia que não se pretendesse uma definição última, mas que também não a esvaziasse de significado e sentido. Ou seja, teríamos que, por um lado, definir o que é filosofia sem cair na tentação de a aprisionarmos numa camisa de força absoluta, mas, por outro lado, também sem nos deixar levar por uma postura totalmente relativista, na qual a sua definição dependa apenas da disposição subjetiva de cada um/a de nós.

Sugerimos aqui uma alternativa que parece dar conta dessas duas exigências: olhemos para algumas metáforas usadas na história da filosofia para defini-la. Assim, talvez, consigamos apontar para um significado simultaneamente aberto e não arbitrário. Como sabemos, as metáforas são usadas quando não temos um termo exato para expressar algo. É como se emprestássemos o significado, o sentido e a referência de um conceito já conhecido para, de alguma forma, “iluminar” o novo conceito que estamos com dificuldade de dizer porque uma linguagem para ele ainda não está estabelecida. O uso das metáforas, portanto, pode nos aproximar do entendimento do que seja filosofia, sem que, para tanto, precisemos desprezar a autonomia subjetiva individual, uma vez que o significado de uma metáfora pode variar muito para cada pessoa e

considerando, igualmente, que a forma como as diversas metáforas se articulam entre si, formando um sentido mais ou menos coerente para cada um/a, é algo muito peculiar. A metáfora, ao mesmo tempo, possibilita apontar para uma definição que vai além do “achismo” de cada um/a, revelando, portanto, algo não totalmente subjetivo.

2. Algumas metáforas

Já os primeiros filósofos recorreram a metáforas para definir a atividade que estavam realizando (talvez até pudéssemos dizer que foi uma metáfora que fez com que iniciassem a compreensão do que seja filosofia!), pois, originalmente, a *filo-sofia* é concebida como “amiga da sabedoria”. Essa comparação metafórica permite uma pequena reflexão: é apenas a amizade pela sabedoria que é buscada e não o domínio sobre ela, nem mesmo o conhecimento ou a verdade.

Todos nós sabemos que uma das piores coisas que pode ocorrer a uma amizade é quando percebemos que o/a outro/a se aproximou por algum interesse egoísta. Não há amizade sem reconhecimento da autenticidade do/a outro/a. A amizade não é compatível com aproximações violentas e pretensões de domínio. Se filosofia também implica amizade e amor, então ela não é possível numa relação de dominação e instrumentalização.

Já sabemos, portanto, algo que a filosofia não é. Além disso, sabedoria é algo diferente de conhecimento, e isto indica que filosofia significa algo mais do que deter ou dominar informações ou conhecimento. Assim, ela se diferencia das ciências que, como sabemos, se caracterizam justamente por esse aspecto. Além disso, todos/as sabemos que há pessoas muito inteligentes, mas pouco sábias. Trata-se de doutos que

são ignorantes em termos de relações humanas e sociais. Saber viver e buscar um sentido para a própria vida, portanto, também parece uma característica que, desde a sua origem, está implicada no conceito de filosofia. É difícil aceitarmos que haja filosofia se ela não nos aproxima da sabedoria. O que isso significa na atualidade certamente é algo sobre que estamos desafiados a refletir.

Filosofia, assim, é uma aproximação não violenta de algo que nos afeta, a partir de onde se viabiliza a reinvenção do pensamento que, por sua vez, pode subsidiar e possibilitar novas visões de mundo. Seu parentesco com a liberdade consiste nisso: ela não se deixa determinar pelo que está previamente estabelecido, mas também não anula quem ou aquilo que dela se aproxima. No seu exercício, revelam-se novas possibilidades de futuro. A filosofia, assim, pode ser entendida enquanto parte constituinte do mundo que ainda está se criando. Nela, nem aquele/a que pensa (sujeito) nem o que é pensado (objeto) pode ser negado. Ambos se tornam cúmplices de um mundo em construção e interpelação mútua, onde a verdade está em um constante processo de construção/criação, tal qual o próprio mundo.

O que é pensar filosoficamente? Esta pergunta nos leva a pensar sobre o próprio pensar. Há quem diga, inclusive, que isto é especificamente filosófico: pensar sobre o próprio pensamento. Mesmo assim, o que tem a filosofia a ver com o pensamento? Pode ela ser reduzida ao pensamento? Ora, a filosofia surgiu do espanto e da admiração diante do mundo. Curiosamente, só nos admiramos com algo que não sabemos de antemão, algo que nos surpreende ou nos encanta. A origem do filosofar, portanto, não se

encontra no puro ato de pensar, embora a filosofia não exista sem pensamento. Surpreendentemente, só começamos a pensar quando somos afetados por algo que ainda não tínhamos pensado. Com outras palavras, cabe dizer que o impulso para um pensamento autêntico está fora do próprio pensamento. A abertura para o mundo, a disposição de se deixar afetar pela novidade, portanto, é condição para o pensar: para a filosofia. Há algo anterior ao pensamento sem o qual não há filosofia. Alguém que fosse totalmente indiferente diante do mundo provavelmente não poderia filosofar.

Por vezes, tendemos a supor que o pensar pode ser reduzido a operações lógicas de nossa estrutura mental. Certamente esse caráter instrumental de nossa razão não pode ser desprezado. O pensamento filosófico, no entanto, não parece poder ser reduzido a essa dimensão. Quando estamos resolvendo um problema matemático, tecnológico ou mesmo social, então estamos pensando, porém parece evidente que não estamos pensando filosoficamente. Um pensamento que não nos aproxime da sabedoria, ou seja, que não contribua para indicar algum sentido para o nosso existir ou para reorientar nossa posição no mundo dificilmente pode ser considerado filosófico. Vale dizer que o pensamento filosófico tende a nos levar para além dele mesmo, para algo que já não é mais puro pensamento e que talvez devesse ser identificado com sabedoria diante da vida e do mundo. Na filosofia parece haver algo que precede e algo que vai além do pensamento.

Ocorre, no entanto, que o sujeito envolvido com a filosofia muitas vezes é tentado a afirmar que o pensamento filosófico consiste em fornecer uma definição analiticamente clara dos

conceitos e a explicitar sua conexão sistemática, de tal forma que se consiga apresentar, por essa definição, um sistema global destes conceitos. É a tentação de conceber a filosofia enquanto sistema pronto de explicação do mundo. O problema dessa postura é que ela “se fecha” para o mundo, ou, como sugere o filósofo Christoph Türcke (2010), ela se parece com aquela função do perito/médico criminal que examina um corpo morto. Nessa concepção, pressupõe-se que o pensamento possa ser de tal forma estruturado que retrate o mundo tal qual é, em sua essência, para além das aparências cotidianas. Ser e pensar são postos em um mesmo patamar, ou mesmo o pensar adquire primazia em relação ao ser. Ora, essa concepção dificilmente se sustenta sem o pressuposto de que o mundo está constituído de uma vez por todas e de que é possível apreender o que ele seja em sua essência ou até mesmo constituir-lo pelo pensamento. Isto certamente é um equívoco, pois, como já nos ensinou Kant (2010), não podemos jamais ter a pretensão de dizer o que o mundo é *em si* - isso tenderia a eliminar o impulso original da filosofia: a admiração. Não basta, portanto, criar um sistema de explicação capaz de orientar a vida (por mais que isso seja importante) se, para tanto, eliminarmos a possibilidade de admiração e de liberdade de cada indivíduo diante do mundo. Faltando uma destas dimensões – o sentido para a vida e a abertura para o inusitado – a filosofia parece se inviabilizar.

Se pensar filosoficamente significa transgredir os limites do previamente pensado, então na direção oposta à filosofia está aquela posição que pretende submeter o mundo a critérios, ideias e teorias previamente estabelecidos. São posições que creem

ter se apossado da verdade. Por detrás delas, muitas vezes se camuflam pretensões de dominação e opressão legitimadas pelas supostas verdades. Tais posições dogmáticas pretendem dizer como deve ser a vida das pessoas e da sociedade, e, dessa forma, reduzem os sujeitos a puros objetos passivos, usurpando a sua liberdade de ser e de pensar. Além disso, as próprias coisas do mundo (natureza) seriam assim consideradas, servindo apenas para satisfazer seus interesses.

Certamente, posturas dogmáticas não são compatíveis com atitudes filosóficas, pois não permitem a abertura para o mundo, para a novidade. Esse tipo de posição teórica, inclusive, pode atrofiar a disposição para a filosofia, manietando a originalidade do pensamento filosófico e reduzindo-o a puras formas linguísticas, lógicas ou exotéricas. É adequado suspeitar daqueles sistemas pretensamente filosóficos que se digam detentores de verdades últimas ou que afirmem ter acesso direto/imediato a essas verdades ou ao ser essencial das coisas; pois, se, por um lado, como vimos, há um antes e um depois do pensamento na filosofia, ela também não parece poder prescindir do próprio pensamento, ou seja, do “esforço do conceito”. Por isso, no nosso modo de ver, o exercício e o desenvolvimento da filosofia é um dos antídotos mais eficazes contra qualquer forma de “dogmatismo”, sendo ela algo genuinamente crítico.

De certa forma, podemos dizer, pois, que a filosofia lida com a “vida dos conceitos”. Adorno (1995) foi um dos que usou essa metáfora alertando-nos para aquilo que chamou de “fetiche dos conceitos”. Segundo ele, é importante que nos mantenhamos alerta a fim de evitar que nosso pensamento se atrofie na medida em que vamos nos

“apegando” ao significado dos conceitos, como se eles tivessem um conteúdo que lhes pudesse ser atribuído para além dos contextos históricos, sociais e culturais nos quais nasceram ou são usados. Para Adorno, em vez de se apegar a conceitos “petrificados”, a filosofia, pelo contrário, deveria reintroduzir neles a vida, trazendo-os novamente para a dança do mundo. Essa seria uma das grandes potencialidades críticas da filosofia, já que, ao reorientar ou “avivar” os conceitos pelos quais as pessoas estão acostumadas a orientar a sua vida, é a própria realidade individual e social que passa a ser “liberta de petrificações”, liberando, assim, novas possibilidades de futuro.

Ter que reavivar constantemente os conceitos pode dar a entender que o pensamento filosófico seja pura fabulação, entendimento esse, no entanto, sem razão de ser. Ocorre que o pensamento filosófico tem um caráter objetivo do qual não se pode prescindir e essa objetividade parece significar algo mais do que coerência e não-contradição (embora essas também sejam importantes). A metáfora da composição musical parece bastante adequada para entendermos esse “algo mais”: ela é criada pela subjetividade de alguém, mas não é qualquer barulho e pode ser reconhecida intersubjetivamente. A alegoria da pomba, de Kant (2010), tem sentido parecido: é preciso voar, mas, por mais que o ar possa parecer um impedimento/resistência para o voo, esse mesmo voo não seria possível no vácuo, sem o apoio do ar. Assim também o pensamento filosófico: ele precisa voar, mas não pode fazê-lo sem resistência, sem “reagir” ao mundo. Talvez devêssemos concebê-lo como um papagaio de papel (pandorga ou

pipa), com o qual buscamos voar o mais alto possível, sem, no entanto, “perder o fio com a realidade”. O pensamento filosófico que “não sai do chão” é entediante e aquele que perde o fio com a realidade tende a tornar-se doentio, pois não permite mais situarmo-nos no mundo. A filosofia é fabulação enraizada na realidade, afetada pelo mundo, mas não aprisionada à forma como este nos é apresentado. Talvez pudesse ser entendida como um “refúgio da liberdade” (SCHÜTZ, 2012) num mundo cada vez mais marcado pelas pretensões de dominação. Seu exercício fortalece a autonomia e a liberdade pessoal, assim como pode trazer à luz possibilidades inscritas (embora ocultadas) na realidade social. Ou, ainda, como sugere Adorno, a filosofia é simultaneamente aparentada com a arte e com o trabalho: ela expressa algo novo e autêntico pelo qual é afetada (dimensão passiva), mas também transforma e cria através do pensamento (dimensão ativa).

3. Desafios

Esperamos que, recorrendo às metáforas acima, tenhamos conseguido apontar uma concepção de filosofia capaz de satisfazer os critérios inicialmente sugeridos. Muitas outras metáforas poderiam ser acrescentadas: a da coruja enquanto símbolo da filosofia que “somente levanta voo ao entardecer”, como sugeriu Hegel (2008, p. 2), ainda que, para nós, muitas vezes ela pareça engaiolada (PINZANI, 2009); ou a contraposição de Marx (2005, p. 156) a essa figuração de Hegel, sugerindo que a filosofia também tem a ver com o galo que, com seu cantar, anuncia a chegada de um novo dia. Se, por outra, ouvirmos a sugestão de Deleuze e Guattari (2000), o pensamento filosófico deveria deixar de se orientar pelo modelo de estrutura vertical de uma árvore (copa,

tronco e raízes) e conceber-se enquanto rizoma, tal como as gramíneas; e a esta poderíamos acrescentar a metáfora dos rizomas de cogumelos que se desenvolvem subterraneamente e sem nenhuma direção ou estrutura prévia a ser seguida, apenas “reagindo” e se “moldando” à realidade encontrada, eclodindo seus conceitos na superfície. Nessa perspectiva é possível, inclusive, afirmar que a filosofia é uma espécie de *underground* cultural, nem sempre visível, mas imprescindível para o seu fortalecimento, e para que novos conceitos possam emergir. A sugestão de Adorno é de que a filosofia é uma espécie de esforço subjetivo no qual lidamos com conceitos de forma parecida com que lidamos com cadeados de cofres-fortes, cadeados que só “abrem” quando conseguimos a combinação numérica adequada (na filosofia, isso jamais seria um único número ou uma única chave). Outra sugestão de Adorno é que o pensamento filosófico é uma construção de “constelações conceituais em devir” e que buscam iluminar a realidade, sem que, no entanto, possamos afirmar jamais que a iluminamos a ponto de alcançar uma visão definitiva da realidade. Há ainda a sugestão metafórica feita por Nietzsche (1991, p.185) de que em filosofia é preciso se libertar do camelo (que carrega pesados fardos) e do leão (que apenas luta contra) e tornar a ser criança, que faz e diz as coisas a partir da leveza e da inocência, introduzindo, assim, o novo no mundo.

Explorar e potencializar tais metáforas, criar novas imagens ou redirecionar o significado originalmente dado às antigas figurações, no entanto, é algo que deixamos a cargo dos/as leitores/as.

Em todo caso, parece legítimo concluir que, embora as metáforas nos deixem instruídos sobre a atitude mais própria à filosofia, ela mesma, no entanto, parece ser algo mais do que metáfora ou metáforas.

Referências

- ADORNO, T. “Observações sobre o pensamento filosófico.” In: ADORNO, T. **Palavras e sinais. Modelos Críticos** 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Volume I.** São Paulo: Editora Trans, 2000.
- ESPINOSA, B. **Pensamentos Metafísicos.** Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondências. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- HEGEL, G. W. F. **Linhas fundamentais da filosofia do direito ou direito natural e ciência do Estado contemporâneo.** Tradução de Paulo Meneses et al. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010.
- KANT, I. **Crítica da razão pura.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** São Paulo: Boitempo, 2005.
- NIETZSCHE, F. **Obras incompletas.** 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, Os Pensadores, 1991.
- PINZANI, A. A coruja na gaiola. **Revista Filosofazer.** Passo Fundo, v. 35, p. 143-150, 2009.
- SCHELLING, F. **Escritos sobre filosofia de la naturaleza.** Madrid: Aliança Editorial, 1996.
- SCHÜTZ, R. Refúgio da liberdade. Sobre a concepção de filosofia de T. Adorno. **Veritas.** Porto Alegre, v. 57, p. 32-52, 2012.
- TÜRCKE, C. **Sociedade excitada.** São Paulo: Editora UNICAMP, 2010.

Recebido em 2014-03-17
Publicado em 2015-01-15